

Os imaginários sociodiscursivos de estudantes timorenses sobre a importância das línguas Tétum e Portuguesa¹

The socio-discursive imaginaries of timorese students about the importance of the Portuguese and Tetum languages

Izabel Cristina Silva Diniz²

izabel.diniz@hotmail.com

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

RESUMO – Neste trabalho, busco identificar os imaginários sociodiscursivos presentes em 24 textos de estudantes secundaristas timorenses e, também, o universo de saberes e crenças que sustenta esses discursos. Tais universos, segundo Charaudeau (2008a, 2008b), são partilhados e construídos socialmente. Os imaginários sociodiscursivos, de acordo com a vertente teórica Semiolinguística, correspondem a modelos de compreensão do mundo sobre determinado assunto, no caso deste estudo, sobre a importância das línguas portuguesa e tétum para o público estudantil investigado. Desejo perceber, com tal investigação, o quanto o discurso desses jovens aproxima-se ou distancia-se do discurso político difundido em Timor-Leste em relação à escolha das línguas oficiais daquele país. Os resultados apontam uma aproximação parcial desses imaginários, bem como a relevância de uma política linguística coerente em países bilíngues.

Palavras-chave: imaginários sociodiscursivos, língua portuguesa, língua tétum, Timor-Leste.

ABSTRACT – In this paper, I intend to identify the socio-discursive imaginaries present in 24 texts from Timorese high school students and, in addition, the universe of knowledge and beliefs that sustain these discourses. Such universes, according to Charaudeau (2008a, 2008b), are socially shared and built. The socio-discursive imaginaries, according to sociolinguistic theory, correspond to the world comprehensible models about a topic, in the case of this study, about the importance of the Portuguese and Tetum languages for the students' public investigated. I intend to notice with such investigation, how much the young students discourse comes near or distant from the political discourse widespread in East Timor, related to its official languages choice. The results point to a partial approach of these imaginaries, as well as the relevance of a coherent linguistic politics in a bilingual country.

Keywords: socio-discursive imaginaries, portuguese language, tetum language, East Timor.

Considerações iniciais

Tendo em vista o panorama histórico de Timor-Leste³ (TL), sabe-se que esse país encontra-se atualmente em processo de reintrodução da Língua Portuguesa (LP) e de inclusão da Língua Tétum (LT) ao sistema de ensino nacional. Mesmo durante a ocupação indonésia (período de 1975 a 1999), o português manteve-se presente no território timorense, sendo considerado a língua da resistência. Esse fato justifica, além de outras motivações, o esforço do Governo pela restauração da LP na sociedade leste-

-timorense, embora, para a maior parte dessa população, o uso dessa língua representa ainda um grande desafio.

A respeito da escolha das línguas oficiais daquele país, sabe-se que o Prof. Dr. Geoffrey Hull, linguista australiano, pesquisador renomado, realizou em 2000 uma conferência na Primeira Convenção Nacional do Conselho Nacional de Resistência Timorense⁴ (CNRT). Em decorrência disso, no ano de 2002, as línguas tétum e portuguesa foram oficializadas pela Constituição da República Democrática de Timor-Leste (RDTL), mesmo não sendo, àquela época, as línguas mais faladas na pequena ilha.

¹ Pesquisa apresentada na I Mostra de Trabalhos em Português Língua Estrangeira do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, em 06/08/2014.

² Aluna bolsista do curso de doutorado em Estudos de Linguagens. Membro do grupo de pesquisa INFORTEC (Núcleo de Pesquisa em Linguagem e Tecnologia). Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. Av. Amazonas, 5.253, Nova Suíça, 30.421-169, Belo Horizonte, MG, Brasil.

³ Timor-Leste ou *Timor-Lorosa'e*.

⁴ Conferência publicada na íntegra, em forma de um livreto, pelo Instituto Camões (2001).

Cabe ressaltar que, de acordo com a Lei nº 14/2008 (Lei de Base da Educação de Timor-Leste), artigos 11 e 57, “[a] partir do ano letivo de 2010 apenas poderão integrar o sistema educativo os estabelecimentos de educação e de ensino que utilizem como língua de ensino as línguas oficiais”, sendo meta do ensino básico “garantir o domínio das línguas portuguesa e tétum” (RDTL Jornal da República, 2008). O trecho em destaque revela-nos a posição política, linguística e educacional adotada por TL em relação às línguas oficiais.

Diante disso, com esta investigação, busco desvendar os imaginários sociodiscursivos sobre a importância das línguas oficiais de TL – português e tétum – materializados linguisticamente nos textos de um grupo de estudantes do ensino regular. Interessa-me ainda averiguar quais conhecimentos sustentam esses imaginários e em que medida estes se aproximam ou se distanciam do discurso político difundido naquela nação quanto à escolha das línguas oficiais.

Para tanto, analiso 24 textos de estudantes timorenses matriculados no ensino secundário e o discurso emblemático proferido por Hull aos membros do CNRT. Considera-se, neste estudo, a hipótese de que os imaginários sociodiscursivos adotados pelos alunos podem influenciar o processo de aprendizagem de uma determinada língua. Ademais, apurar tais imaginários permite uma reflexão sobre a relevância das políticas públicas referentes ao ensino de língua.

Caminhos teóricos

A teoria Semiolinguística, selecionada para fundamentar esta pesquisa, compreende o discurso como um “jogo enunciativo” entre a sociedade e suas produções linguageiras (Barbisan *et al.*, 2010). Desse modo, o discurso corresponde a um fato social e não poderia ser estudado fora de uma esfera situacional, fator responsável pelas condições necessárias para o surgimento do enunciado social. Assim sendo, todo ato de comunicação supõe um pacto. Para que a comunicação aconteça, é necessário que haja um tipo de acordo entre os parceiros do ato de linguagem. Nesse sentido, o contrato de comunicação refere-se às condições de realização e materialização de qualquer discurso, ou seja, à situação comunicativa em que os discursos se inserem e, também, às características discursivas daí decorrentes (Charaudeau, 2008a, 2008b).

Por conseguinte, o termo *imaginário sociodiscursivo*, proposto por Charaudeau, alude, primeiramente, ao vocábulo *imaginário*, que não deve ser associado à concepção do dicionário, ou seja, àquilo que se opõe à realidade. Ao contrário, o imaginário é efetivamente uma imagem da realidade, contudo uma “imagem que

interpreta a realidade, que a faz entrar em um universo de significações” (Charaudeau, 2008b, p. 203). Sendo assim, o imaginário resulta de uma atividade de representação que constrói sistemas de pensamentos, lugares de instituição de verdades, tudo isso por meio do discurso. Assumindo que os imaginários são identificados pelos enunciados produzidos de diversas formas, mas semanticamente agrupáveis, tem-se, assim, os *imaginários discursivos*. Já o termo *imaginário social* pode ser compreendido como um universo de significações fundador da identidade de grupo. Por fim, considerando que os imaginários circulam no interior de um grupo social, instituindo-se normas de referências por seus membros, pode-se falar em *imaginários sociodiscursivos* (Charaudeau, 2008b, p. 52).

Os imaginários discursivos, como mencionado, são partilhados pela sociedade e dão significado ao mundo. Identificados como construções coletivas, os imaginários sociodiscursivos são assim definidos por Charaudeau (2007, p. 53):

O imaginário é um modo de apreensão do mundo que nasce na mecânica das representações sociais, que, como já dito, constrói a significação dos objetos do mundo, os fenômenos que são aí produzidos, os seres humanos e seus comportamentos, transformando a realidade em real significante⁵.

A construção dos imaginários baseia-se em elementos afetivos e racionais na simbolização do mundo e das relações humanas. Assim, os imaginários são gerados pelos discursos que emergem e circulam nos grupos sociais, organizando-se em sistemas de pensamentos coerentes, que criam valores cuja finalidade é justificar a ação social (Charaudeau, 2007, p. 60). Em outras palavras, o homem significa a realidade para justificar suas ações. No caso deste estudo, o grupo social em foco é formado por estudantes timorenses do ensino secundário matriculados nos segundo e terceiro anos, sendo meu objeto de análise o discurso que se materializa nos textos escritos por esse grupo social.

Para Charaudeau, as representações sociais geram, pela produção de discurso, saberes que se estruturam em *Saberes de Conhecimento* e *Saberes de Crença*. Os sistemas de pensamento baseados em princípios de coerência que geram teorias, doutrinas e ou opiniões, organizam-se a partir desses tipos de conhecimentos, sempre por meio da produção discursiva (Charaudeau, 2007, p. 64).

Nessa perspectiva, o mesmo autor (2008b, 2007) diferencia *Saber de Crença* de *Saber de Conhecimento*. No primeiro, o homem sobrepõe-se ao mundo. O julgamento subjetivo sobre os fatos do mundo torna-se um saber, enquanto, no segundo, o mundo sobrepõe-se ao homem, ou seja, somente por meio da verificação e da experimentação constrói-se um saber de conhecimento.

⁵ Tradução livre: Prof^{ra}. Dr^a. Ana Maria Nápoles Villela.

Ainda segundo Charaudeau, *Saberes de Conhecimento* tendem a estabelecer uma verdade sobre fenômenos do mundo, isto é, estipulam uma verdade que existe exteriormente ao homem, com isso busca a verdade fora da subjetividade do sujeito.

Ao observar a construção de um determinado imaginário sociodiscursivo, precisa-se compreender a organização do sistema de pensamento, tem-se que observar a quais tipos de *saber* esses argumentos pertencem. Com base em Charaudeau (1992, 2007, 2008a, 2008b), é possível notar que os imaginários são construídos pelos argumentos fundamentados nos diferentes tipos de *saberes*. Um mesmo imaginário pode ser formado por *saberes* diversos, em maior ou menor grau. Com isso em mente, interesse-me por investigar quais tipos de *saberes* – *Crença ou Conhecimento* – fundamentam o discurso de um determinado grupo de jovens timorenses quanto à importância das línguas decretadas oficiais naquele país.

Charaudeau (2008b) compreende a palavra *política* como ato de comunicação que viabiliza a interação e que coloca o discurso para circular em espaço público e, desse modo, produzir sentido. Para esse teórico, os espaços de falas referentes ao universo da atividade política se relacionam no processo de construção de sentido que o discurso político adquire. Dessa forma, o caráter político de um discurso reside menos em seu conteúdo do que nas condições criadas pela situação de comunicação. Ainda segundo Charaudeau (2008b), o discurso político não está, necessariamente, reservado aos governantes ou congressistas, nem aos cientistas políticos; seu sentido se produz em função da interação e das identidades que dela participam. O autor aponta três lugares de produção desse discurso: o da elaboração de sistemas de pensamento; o dos atos de comunicação entre atores da cena política; e, por fim, o lugar onde se produz o comentário. Tais lugares não são estanques.

Os discursos políticos, como os de qualquer outra formação discursiva, circulam no interior dos grupos que os constituem e entre diferentes grupos sociais e, ao se difundirem, se transformam. Assim sendo, interessa-me, neste trabalho, abordar o discurso político enquanto o lugar de representação dos imaginários sociodiscursivos.

Metodologia

Esta investigação, de caráter exploratório, trata-se de um estudo de caso pautado nas abordagens qualitativa e quantitativa. A teoria Semiolinguística utilizada para análise dos dados insere-se no campo da Análise do Discurso.

Para este estudo foram selecionados 24 textos de estudantes leste-timorenses das turmas A e B, do segundo e do terceiro ano do ensino secundário⁶, com idade entre 15 e 18 anos. Esse público fará parte da primeira geração de jovens a concluir o ensino básico em escolas timorenses instituídas após a independência daquele país.

Os textos foram coletados pela pesquisadora brasileira Raquel Garcia⁷, antropóloga interessada em investigar a relação da sociedade timorense com as línguas decretadas oficiais. As produções foram escritas em janeiro de 2014, por alunos matriculados nas disciplinas de *Língua Portuguesa* do ensino regular da Escola Católica São Pedro⁸, localizada em Comoro, na capital Díli. Os aprendizes não foram informados, no momento da atividade, sobre a concepção desta pesquisa. A elaboração do texto foi realizada em sala como proposta da disciplina de LP.

A referida pesquisadora foi quem solicitou a produção do texto, orientando os aprendizes a escreverem sobre a importância da LP ou sobre a importância da LT para a nação timorense. Durante a escrita do texto, os estudantes puderam consultar qualquer material disponível em sala. Dessa forma, a referida antropóloga coletou um universo de 150 textos, em três turmas do ensino regular. Desse conjunto, foram escolhidos os textos mais extensos para compor o *corpus* desta pesquisa. Assim, foram selecionados 12 textos sobre a importância da LP para Timor-Leste e mais 12 sobre a importância da LT, totalizando 24 textos.

O discurso de Hull (2001) proferido aos políticos leste-timorenses ganha *status* de discurso fundador, neste trabalho, por se tratar de referência básica no imaginário constitutivo daquele país, uma vez que tal discurso fundamentou e justificou a escolha política pelas línguas oficiais de TL.

Ademais, o discurso desse linguista, materializado no texto *Timor-Leste: Identidade, Língua e Política Educacional*, é considerado, neste estudo, como discurso político, pois além de manifestar uma determinada política linguística, também se estabelece como ato de comunicação entre os atores da cena política daquele país (Charaudeau, 2008b), como já exposto. E a partir desse pressuposto, faço a análise que se propõe, comparando os imaginários sociodiscursivos presentes nos textos dos alunos investigados aos imaginários existentes no referido texto de Geoffrey Hull. Isso significa que a presente pesquisa tem como objeto de análise tanto o discurso que emerge do pronunciamento de Hull (discurso político fundador) quanto os que afloram dos textos dos 24 estudantes timorenses.

⁶ Corresponde ao ensino médio no Brasil.

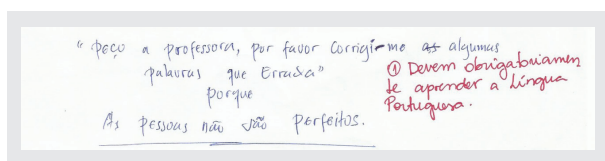
⁷ Raquel Santos Garcia – aluna do curso de mestrado em Antropologia e Sociologia de Desenvolvimento do *Institute of International and Development Studies*, Genebra, Suíça, em junho de 2014.

⁸ Escola particular administrada pela Igreja Católica com apoio do poder público.

Análise dos dados

Para cada situação de comunicação concebe-se, segundo Charaudeau (2008a, 2008b), um contrato entre os interlocutores. No caso deste estudo, as situações de comunicação dão-se em cenários e períodos distintos. O pronunciamento proferido por Hull em 2000 é dirigido aos representantes políticos de TL. Esse emissor assume o papel de cientista, ou seja, autoridade em linguística e, como tal, dirige sua fala aos líderes políticos daquele futuro Estado-Nação. Já o discurso dos estudantes timorenses é redigido, em 2014, para uma pesquisadora brasileira. Nesse caso, os alunos projetam a antropóloga como professora de LP. Foi possível perceber no texto dos alunos a crença de que se alguém é proficiente em uma determinada língua, então essa pessoa está capacitada a ensiná-la, como ilustra o Exemplo 1.

Exemplo 1. Excerto do texto 6.



Tal crença é, possivelmente, o reflexo da condição dos atuais educadores timorenses, pois muitos deles foram selecionados apenas porque sabiam falar português, não

tendo, na maioria das vezes, formação específica para o magistério. Segundo João Freitas, o Ministro da Educação de TL, 85% dos professores timorenses não são qualificados em LP (Observatório dos Países de Língua Oficial Portuguesa, 2012).

Deve-se ter em conta, como já dito, que a geração selecionada para esta pesquisa representa um grupo de leste-timorenses frequente ao sistema de ensino estabelecido posteriormente à independência do país. Isso significa que esses jovens foram (ou deveriam ter sido) alfabetizados em tétum e, posteriormente, assíduos a escolas bilíngues (português e tétum), em consonância com leis e padrões educacionais timorenses. Situação diferente de seus professores, os quais, em sua maioria, estudaram em escolas indonésias, durante a época de ocupação.

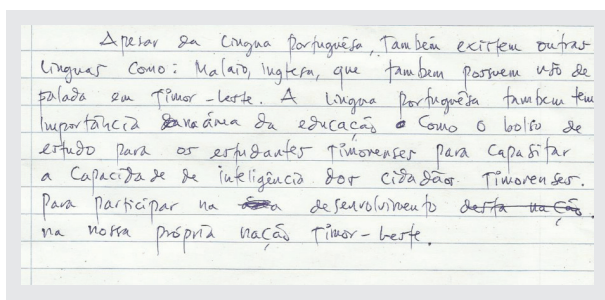
A análise do *corpus* aponta para a composição de imaginários sociodiscursivos ora semelhantes, ora distintos em relação às línguas em foco, como se pode observar no Quadro 1.

Verifica-se, no Quadro 1, que os imaginários sociodiscursivos em sombreado cinza, 63,6%, remetem à ideia de oposição. Por sua vez, os demais imaginários, 36,4%, coincidem entre si. Os imaginários descritos no Quadro 1 expressam o valor social que esse grupo de jovens atribui às línguas em destaque, bem como evidenciam o papel que cada uma delas assumiu na sociedade timorense contemporânea. Em relação ao valor atribuído à LP, tem-se o Exemplo 2.

Quadro 1. Imaginários sociodiscursivos sobre as línguas tétum e portuguesa presentes nos textos de estudantes timorenses.
Chart 1. Socio-discursive imaginaries about Portuguese and Tetum languages in Timorese students' texts.

Produção escrita de estudantes timorenses	
<i>Imaginários sobre a LT</i>	<i>Imaginários sobre a LP</i>
Língua oficial	Língua oficial
Língua ensinada na escola	Língua ensinada na escola
Língua de comunicação	Língua utilizada no trabalho
Língua franca	Língua da CPLP
Língua mais falada em TL	Língua menos falada em TL
Língua crioula	Língua que influenciou o Tétum
Língua sem gramática	Língua de ensino
Língua nacional	Língua internacional
Língua mais importante para TL	Língua para capacitação de jovens e desenvolvimento da nação
Língua falada nas campanhas políticas	Língua utilizada nas plenárias da Câmara
Língua mais compreendida em TL	Língua utilizada pelos intelectuais

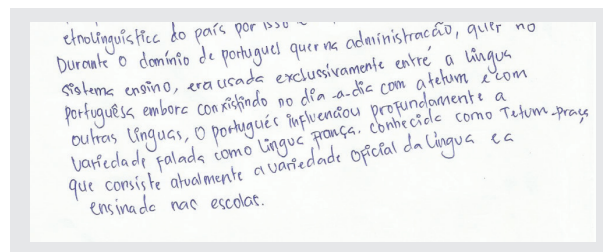
Notas: LT = Língua Tétum; LP = Língua Portuguesa.

Exemplo 2. Excerto do texto 4.

Os imaginários sociodiscursivos fundamentados em *Saberes de Crença*, isto é, em argumentos baseados em verdades subjetivas, são: língua sem gramática; língua mais importante para TL; língua para capacitação de jovens e desenvolvimento da nação. Quanto à crença de que a LT não possui gramática, a direção do Instituto Nacional de Linguística da Universidade Nacional de Timor Lorosa'e (UNTL) (*in* Esperança, 2004) a interpreta como um tipo de crença que ainda prevalece desde o tempo do domínio indonésio. Segundo registros históricos, durante o período de invasão, os militares indonésios afirmavam que a LT era uma língua inferior. Ciente de que toda língua é um sistema linguístico socializado, a meu ver, a forma como os professores ensinam tétum foi determinante para a adoção dessa crença como *verdade*. Afinal, “grande parte do que se faz em sala de aula no trato da língua depende da noção de língua que se tenha” (Dell’Isola, 2013, p. 43). Ressalto que os poucos estudos realizados sobre a LT não são facilmente divulgados entre os professores timorenses

por várias razões, para citar apenas uma: a cultura daquele povo é predominantemente oral e tradicional, o que tem dificultado a difusão de conhecimentos linguísticos produzidos pelo referido Instituto.

Os demais imaginários relacionados no Quadro 1, por sua vez, foram pautados em *Saberes de Conhecimento*, justificados com conhecimentos adquiridos com a experimentação e, por uma única vez, com conhecimento científico. O conhecimento adquirido por meio da experiência foi o mais utilizado para gerar sistemas de pensamentos coerentes nos textos em análise. Exclui-se, desse panorama, o imaginário de que o tétum é uma língua crioula, pois, nesse caso, o aluno faz uso de conhecimento científico. Isso significa que ele demonstra conhecer o conceito de língua crioula, conforme demonstra o Exemplo 3.

Exemplo 3. Excerto do texto 10.

Além de identificar os imaginários sociodiscursivos submersos nos textos dos sujeitos investigados, conforme apresentado no Quadro 1, os dados foram mensurados e, a seguir, apresentados nos Gráficos 1 e 2.

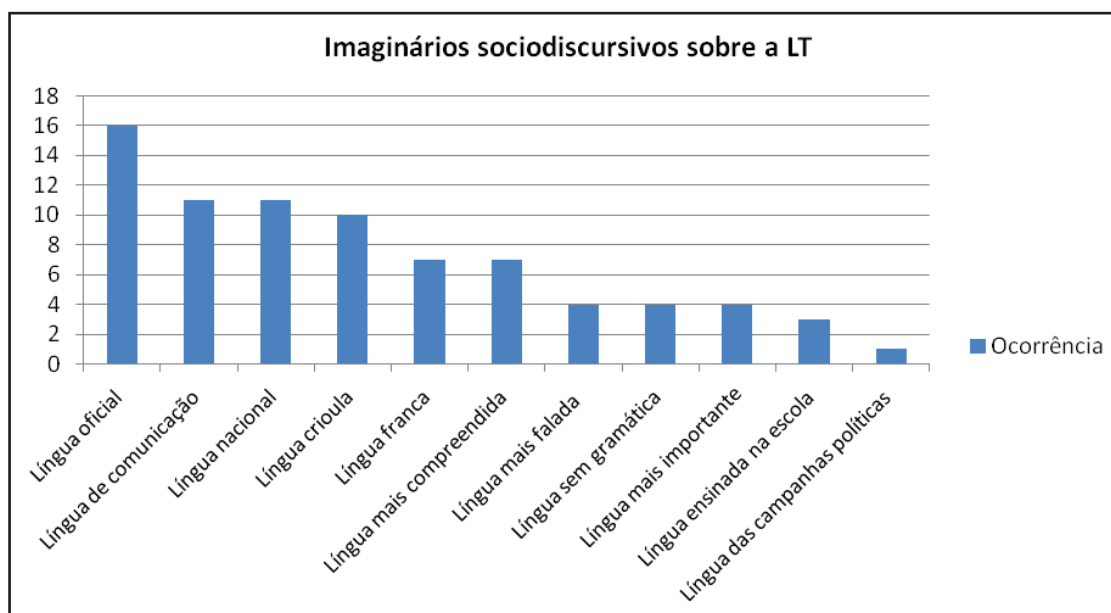


Gráfico 1. Ocorrência dos imaginários sociodiscursivos sobre a língua tétum.

Graph 1. Occurrence of socio-discursive imaginaries of Tetum language.

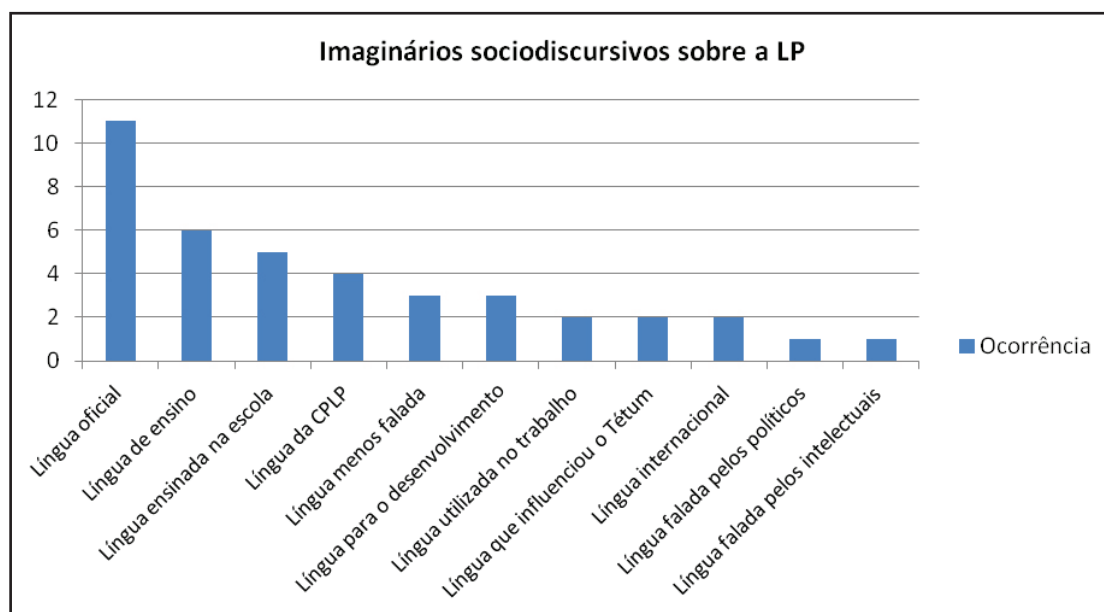


Gráfico 2. Ocorrência dos imaginários sociodiscursivos sobre a língua portuguesa.

Graph 2. Occurrence of socio-discursive imaginaries of Portuguese language.

Nos Gráficos 1 e 2, é possível perceber quais imaginários sociodiscursivos são mais recorrentes e quais são menos no discurso estudantil sob investigação. O imaginário de “língua oficial” é o mais comum, fator indicativo de uma sociedade hierarquizada, na qual o respeito pelos *katuas* (os velhos) está enraizado, conforme preconiza Soares (2010). Os cidadãos timorenses têm, segundo Benjamim Corte-Real (2014), confiança em seus líderes. Esse linguista afirma que a atitude dos jovens timorenses quanto à escolha das línguas oficiais foi a de acreditar em seus líderes e aceitar, embora com alguma relutância, tal escolha em prol da coerência da luta de independência nacional. Todavia, como aponta Silva (2012), a questão da língua em TL foi e ainda é ponto de conflito entre pelo menos

três grupos de timorenses: os que falam indonésio, os que falam português e os que falam inglês, sendo os dois últimos grupos constituídos, principalmente, por nativos regressos da diáspora.

Em relação ao discurso político examinado, identificaram-se imaginários sociodiscursivos como os apresentados no Quadro 2.

Esse discurso pauta-se em *Saberes de Conhecimento* (principalmente conhecimento histórico e linguístico) para posicionar a LT no mesmo grau de importância que a LP, destacando a relevância de assumi-las como línguas oficiais. Em outras palavras, tal discurso tem por objetivo persuadir, levar a crer que ambas as línguas deveriam ter valor social para o novo Estado timorense, como demonstram os excertos do Exemplo 4.

Exemplo 4. Excerto do texto de Hull (2001).

Na realidade convém agrupar as línguas usadas em Timor-Leste em duas categorias. [...] Na primeira categoria, a das línguas que se podem classificar como verdadeiramente nacionais, estão o tétum, os outros catorze vernáculos e a variedade timorense do português (que tem características próprias e por vezes arcaizantes) (p. 38).

Apreciando, tal como eu, a importância da língua portuguesa como parceiro natural do tétum em Timor-Leste, é do meu desejo que o novo governo venha a implementar todas as medidas acima referidas, bem como a de proporcionar todas as oportunidades de trabalho aos jovens, independentemente da fluência do seu português (p. 47).

Se a língua nacional for promovida através das medidas acima referidas, ninguém vai poder voltar a afirmar que o tétum é um dialecto primitivo e sem função, incapaz de estar ao mesmo nível que o português e outras línguas modernas (p. 48).

Admitido que Timor-Leste precisa de uma língua co-oficial, e que o melhor candidato é o português; incumbirá todavia ao novo governo regulamentar e controlar o uso do português por todo o país... (p. 49).

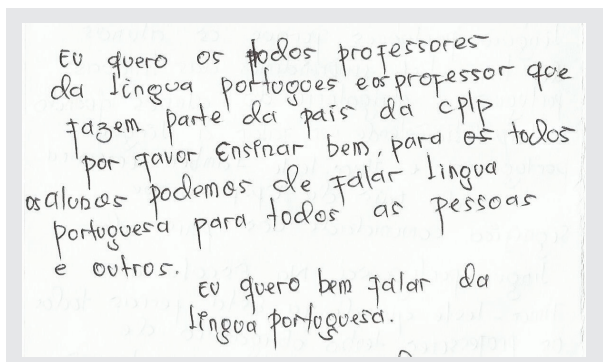
Quadro 2. Imaginários sociodiscursivos sobre as línguas tétum e portuguesa presentes no discurso de Hull (2001).
Chart 2. Socio-discursive imaginaries of Portuguese and Tetum languages in the speech of Hull (2001).

Discurso político Hull (2001)	
<i>Imaginários sobre a LT</i>	<i>Imaginários sobre a LP</i>
Língua franca	Língua de escolarização
Língua litúrgica geral	Língua da resistência
Língua de identidade nacional	Língua de identidade nacional (variedade TL)
Língua indígena	Língua da gênese da cultura nacional
Não é formalmente muito afastada do português na sua pronúncia, gramática e vocabulário.	Tem-se mostrado mais capaz de se harmonizar com as línguas indígenas. Língua como parceira natural do Tétum
Língua literária	Porta de abertura na esfera econômica. Irá proporcionar vantagens sociais e culturais e benefícios materiais.
Língua mais falada em TL	Língua menos falada em TL
Língua da esfera da vida nacional	Língua na esfera da vida internacional
Língua moderna	Língua moderna
Língua nacional	Língua co-oficial
Língua pouco estudada	Língua com grande divulgação de estudos

Ao observar o Quadro 2 e o Exemplo 4, é possível perceber imaginários que tratam ambas as línguas como complementares. Isso significa que esse discurso político não destaca nenhum tipo de dicotomia entre as LT e LP. Ao contrário disso, defende que é possível a convivência dessas duas línguas como oficiais, inclusive sem que haja a exclusão social de cidadãos timorenses que, porventura, dominam melhor uma delas.

Ciente de que todo aprendiz possui formas de pensar e agir em relação ao seu processo de aprendizagem, percebe-se que o imaginário sociodiscursivo, em relação à LP, “língua ensinada na escola”, associa-se, também, à crença de que o professor é o único sujeito responsável pelo processo de aprendizagem. Tal crença pode influenciar a aprendizagem de uma determinada língua, ilustrada no Exemplo 5.

Exemplo 5. Excerto do texto 8.



Vem à tona, nesse exemplo, a crença de que o professor de língua portuguesa e demais educadores oriundos de países da CPLP, que cooperam com TL, são responsáveis por “ensinar bem” o português para que, assim, “todos” os estudantes possam falar corretamente essa língua em qualquer situação.

Considerações finais

Os resultados apontam para o fato de que há uma identificação parcial entre os imaginários presentes no discurso de Hull e os imaginários dos estudantes investigados. No entanto, percebe-se que, ao contrário do discurso político investigado, não há majoritariamente, nos imaginários sociodiscursivos dos alunos, uma correspondência de igualdade entre as línguas oficiais daquele país.

Se se assumisse como verdade que a LT “não é formalmente muito afastada do português na sua pronúncia, gramática e vocabulário”, como afirma Hull (2001, p. 42) e Hull e Eccles (2005), então se poderiam pensar em estratégias de ensino e de aprendizagem que contemplem ambas as línguas. Para tanto, faz-se necessário investir em mais estudos sobre a LT, bem como na formação de professores. Diante disso, sugerem-se, ainda, políticas linguísticas que visem conferir a ambas as línguas oficiais de TL o mesmo prestígio, se esse, claro, for o desejo do povo leste-timorense. Caso contrário, corre-se o risco de apenas uma parte da população usufruir dos benefícios de se falar a LP, como, por exemplo, estudar em países como Brasil ou Portugal, ocupar determinados cargos públicos e políticos.

Espera-se que conhecer tais imaginários possa contribuir para um novo olhar sobre a educação daquele país, bem como favorecer a compreensão de quais aspectos podem ou não influenciar o processo de ensino e de aprendizagem das línguas em foco. Afinal, o aluno interpreta a importância da língua conforme sua cultura pessoal, seus conhecimentos individuais de mundo e também quantos aos seus imaginários sociodiscursivos.

Referências

- BARBISAN, L.B.; GOUVÊA, L.H.M.; PAULIUKONIS, M.A.L.; GIERING, M.E.; MONNERAT, R. S.M.; GRAEFF, T.F. 2010. Perspectivas discursivo-enunciativas de abordagem do texto. In: A.C. BENTES; M.Q. LEITE (orgs.), *Linguística de texto e análise da conversação: panorama das pesquisas no Brasil*. São Paulo, Cortez, p. 171-224.
- CHARAUDEAU, P. 1992. *Grammaire de sens et de l'expression*. Paris, Hachette, 927 p.
- CHARAUDEAU, P. 2007. Les stéréotypes, c'est bien. Les imaginaires, c'est mieux. In: H. BOYER (dir.), *Stéréotypage, stéréotypes: fonctionnements ordinaires et mises en scène*, L'Harmattan. Paris, Hachette. Disponível em: <http://www.patrick-charaudeau.com/Les-stereotypes-c-est-bien-Les.html>. Acesso em: 22/05/2014.
- CHARAUDEAU, P. 2008a. *Linguagem e discurso: modos de organização*. Coordenação da equipe de tradução, Ângela S. M. Corrêa e Ida Lúcia Machado. São Paulo, Contexto, 256 p.
- CHARAUDEAU, P. 2008b. Da ideologia aos imaginários sociodiscursivos. In: P. CHARAUDEAU. *Discurso político*. Tradução de Fabiana Komesu e Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo, Contexto, 328 p.
- CORTE-REAL, B. 2014. Conferência. In: Colóquio A Língua Portuguesa, O Multilinguismo e As Novas Tecnologias das Línguas no Século XXI, 1, Belo Horizonte, CEFET-MG.
- DELL'ISOLA, R.L.P. 2013. *Aula de português: parâmetros e perspectivas*. Belo Horizonte, Faculdade de Letras/UFMG, 156 p. (Coleção Proleitura, vol. 6).
- ESPERANÇA, J.P. 2004. *Os especialistas e a tarefa do ensino da língua em Timor-Leste*. Disponível em: http://www.freewebs.com/jpesperanca/badaen%20no%20knaar%20hanorin%20lian%20iha%20Timor%20Lorosae_traducao%20para%20portugues.pdf. Acesso em: 24/07/2014.
- HULL, G. 2001. *Timor-Leste: Identidade, Língua e Política Educacional*. Lisboa, Instituto Camões, 54 p.
- HULL, G.; ECCLES, L. 2005. *Gramática da Língua Tétum*. Lisboa, Lidel, 270 p.
- OBSERVATÓRIO DOS PAÍSES DE LÍNGUA OFICIAL PORTUGUESA. 2012. Relatório OPLOP 31: Língua Portuguesa no Timor-Leste. Disponível em: <http://www.oplop.uff.br/relatorio/anonimo/2773/relatorio-oplop-31-lingua-portuguesa-no-timor-leste-tensoes-a-almejada-superacao-do-hiato-entre-habitos-reais-normas-oficiais>. Acesso em: 30/07/2014.
- RDTL JORNAL DA REPÚBLICA. 2008. Lei de Bases da Educação. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/13854265/Lei-de-Bases-da-Educacao-2008>. Acesso em: 20/07/2014.
- SILVA, K.C. 2012. *Nações desunidas: práticas da ONU e a estruturação do Estado em Timor-Leste*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 455 p.
- SOARES, L.V. 2010. *Qual o papel da língua portuguesa na política educativa em Timor-Leste?* Disponível em: http://www.academia.edu/895138/Qual_o_papel_da_Lingua_Portuguesa_na_Politica_Educativa_em_Timor_Leste. Acesso em: 04/08/2014.

Submetido: 19/10/2016

Aceito: 27/03/2017